

## “Por uma Palavra...”<sup>1</sup>

Aline IMERCIO<sup>2</sup>

Vanderlei Dias de SOUZA<sup>3</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

### RESUMO

O documentário “Por uma palavra...” objetivou mostrar relatos sobre o assassinato do jornalista esportivo Valério Luiz, morto em Goiânia no ano de 2012. Diante dos depoimentos mostrados no documentário sobre o episódio do assassinato do jornalista goiano, o vídeo leva à reflexão sobre os casos de jornalistas assassinados no Brasil e no mundo, diante do trabalho investigativo ou de denúncia que realizavam. Fato que leva ao questionamento se o país está realmente amparado no quesito segurança e censura, quando o jornalismo investigativo é praticado e busca revelar injustiças sociais e casos de corrupção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo investigativo; jornalistas assassinados; censura; jornalismo esportivo; telejornalismo.

### 1. INTRODUÇÃO

No ano de 2015 pelo menos seis jornalistas foram assassinados no Brasil por motivos confirmados em decorrência de seus trabalhos, de acordo com o Committe to Protect Journalists (CPJ), órgão internacional que avalia os casos que envolvem a proteção de jornalistas no mundo. O dado de 2015 é alarmante porque sinaliza o mais alto número de assassinatos no nos últimos 23 anos, de acordo com os dados da mesma organização. O Brasil também é o décimo colocado no ranking mundial da Federação Internacional de Jornalistas (FIP), que elenca os dez países mais perigosos para os jornalistas no mundo. Fatos que mostram a importância e a relevância de discutir a segurança do jornalista no Brasil, como faz o documentário “Por uma palavra...”.

Na maioria das vezes o assassinato de jornalista no Brasil está ligado ao trabalho do jornalismo investigativo, seja em editoriais de política, policial, ou até mesmo futebol –

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Reportagem em Telejornalismo, modalidade avulso.

<sup>2</sup> Recém-graduada em agosto de 2015 no Curso de Comunicação Social- Jornalismo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP e autora do documentário. email: alinerodriguesimercio@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP, email: Vanderlei.souza@mackenzie.br.

como mostra o documentário- a maioria dos jornalistas que são vítimas de homicídio realizavam um trabalho de denúncia, principalmente à corrupção. O que faz com que o jornalismo investigativo no campo da corrupção e da denúncia perca suas forças, diante do medo do que pode acontecer com o profissional da imprensa que investiga os casos e coloca a realidade descoberta à tona.

O jornalismo, como forma de conhecimento imediato da realidade, está ameaçado no Brasil e no mundo. As ameaças são diversas e uma delas é a insegurança dos profissionais jornalistas, vítimas constantes da violência. Jornalistas de todo mundo têm sofrido ameaças, agressões e, em muitos casos, tem pagado com a vida o alto preço por defender o interesse público e dar a voz a quem precisa. (VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL, 2015, p.7)

E, tendo como motivação mostrar essa realidade desconhecida por muitos, este documentário relata o caso do jornalista goiano Valério Luiz<sup>4</sup>. Um jornalista esportivo que foi assassinado no ano de 2012, depois de fazer muitas críticas à administração de um clube de futebol local. Embora fossem muitos os indícios dos autores da morte de Valério, o caso segue sem julgamento, assim como a maioria dos casos que envolvem o homicídio de jornalistas em decorrência de seus trabalhos. O documentário mostra, portanto, um recorte de uma realidade ampla que coloca em perigo a liberdade de imprensa e o trabalho de muitos jornalistas no Brasil e no mundo.

## 2. OBJETIVO

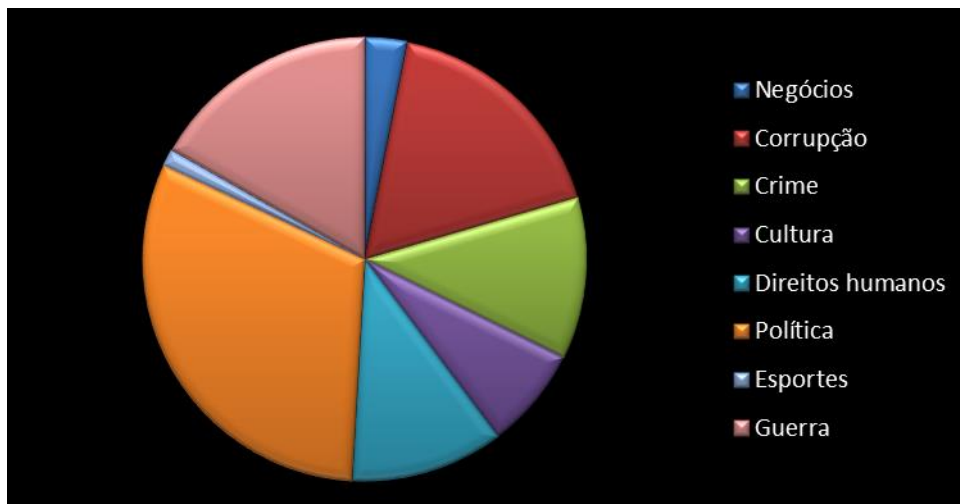
Embora o Brasil esteja entre os dez países mais perigosos para jornalistas no mundo, muito pouco se fala a respeito dessa realidade no país, o que faz com que a cobrança para que a maioria desses crimes sejam punidos se torne menor. Na lista mundial feita pelo CPJ, que mostra o ranking dos casos de assassinatos de jornalistas que não foram punidos, o Brasil ocupa a nona posição com 25 casos de impunidade. Vale lembrar que o primeiro lugar é do Iraque, país em constante guerra que tem um número elevado de jornalistas que são assassinados por seu trabalho.

---

<sup>4</sup> Valério Luiz Oliveira ( 1963-2012) foi um jornalista esportivo na cidade de Goiânia que atuava em programas na RádioAM 820 e na TV PUC Goiás. Em 2012, Valério foi surpreendido na porta da rádio onde trabalhava por atiradores em uma moto e foi assassinado com sete tiros no local. A principal suspeita é de que o jornalista tenha sido assassinado por conta das denúncias que realizava contra a dirigência do clube Atlético Goianiense.

A maioria dos casos que envolvem o assassinato de jornalistas está ligada ao trabalho desses profissionais, que atuavam principalmente com em guerra, com denúncias de política e corrupção, como é possível ver no gráfico abaixo:

**Gráfico 1: Editoriais de atuação dos jornalistas vítimas de assassinato no mundo**



Fonte: Comittee to Protect Journalists (CPJ)

Como é possível visualizar no gráfico, a editoria de esportes representa uma parcela muito pequena dos jornalistas assassinados em decorrência de seus trabalhos no mundo, mas, embora o jornalista Valério Luiz fosse esportivo, a principal denúncia que ele fazia era envolvendo corrupção no time goianiense, ou seja, o risco já se tornava maior.

Por esta razão, o objetivo deste documentário é mostrar, tanto o caso do assassinato de Valério, visto por seus colegas de trabalho e familiares, quanto o que pode levar um jornalista a ser assassinado no Brasil. O caso de Valério vem neste documentário como um alerta para a impunidade e o atraso no julgamento, que acontece comumente entre os profissionais de mídia assassinados, e também como uma fonte de conhecimento de que a censura à imprensa e os perigos que ela corre não ficaram restritos ao período do regime militar, mas também estendem seus casos em plena democracia.

### 3. JUSTIFICATIVA

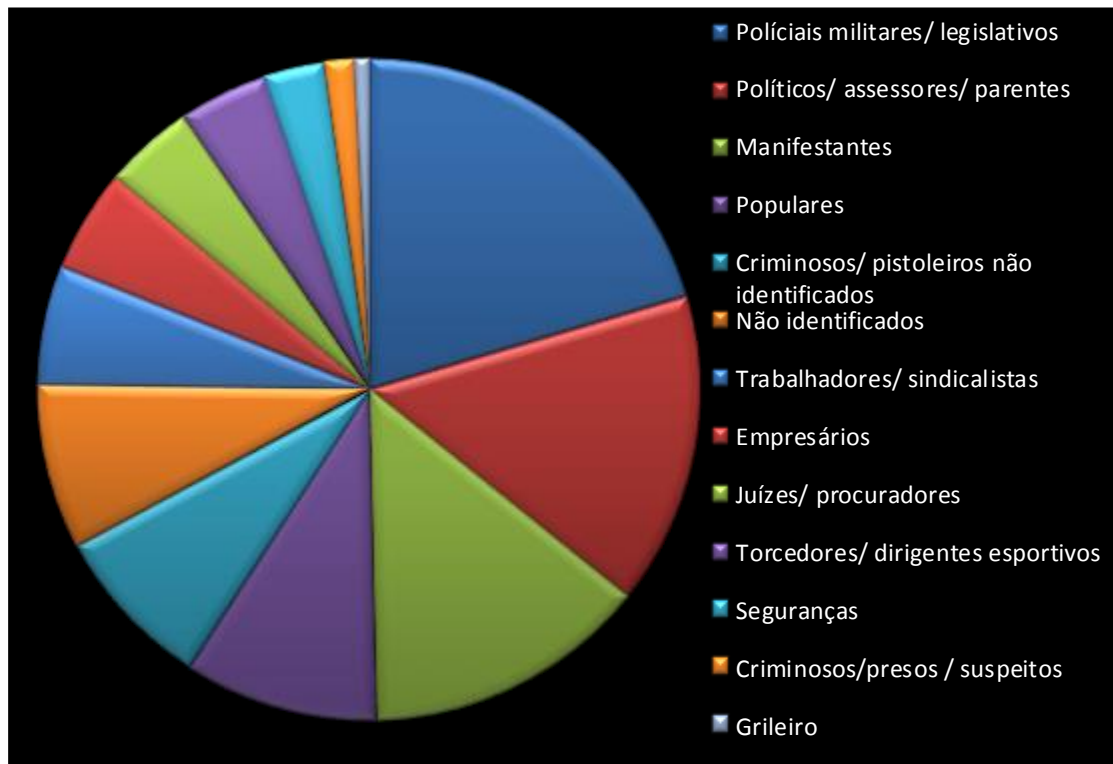
Na época do regime militar casos de tortura e de morte de jornalistas, como Vladimir Herzog<sup>5</sup>, ficaram conhecidos e provocaram discussões à respeito da censura na época, o que

<sup>5</sup> Vladimir Herzog (1935-1975) foi diretor de jornalismo da TV Cultura assassinado durante o período do regime militar no Brasil, na sede do Destacamento de Operações de Informações (DOI). Na noite anterior de

pouco se sabe porém é que esses caso ainda acontecem hoje no Brasil. Portanto, para muitos brasileiros a ideia de que um jornalista seja calado a força diante do trabalho que faz, sofra censura e até violência em plena democracia, parece vaga ou sem fundamento.

Por isso, a ideia de fazer um trabalho que não só trate de um assassinato, mas que mostre por traz desse crime uma realidade muito presente no país, a realidade de diversas cidades que ainda sofrem com um jornalismo limitado diante do medo dos profissionais sofrerem constantes ameaças. E essas ameaças e crimes, assim como aconteceu supostamente no caso Valério Luiz, partem, principalmente à mando de autoridades, como mostra o gráfico a seguir, elaborado a partir do relatório da Federação Nacional de Jornalistas de 2015:

**Gráfico 2: Quem são os agressores**



Fonte: Relatório FENAJ 2015

seu assassinato, em 25 de outubro de 1975, Vladimir foi levado para o Departamento com a justificativa de prestar depoimento sobre suas possíveis ligações com o Partido Comunista. Por muito tempo, a certidão de óbito Vladimir Herzog constou como causa de morte o enforcamento por asfixia mecânica, já que um retrato do jornalista morto teria sido divulgado na época com uma corda em volta de seu pescoço. Mas, com o tempo foi descoberto que o retrato era somente uma simulação de suicídio e a causa de morte na verdade eram os maus tratos no DOI- Codi. O atestado de óbito do jornalista foi modificado somente em 2013.

Sendo assim, este documentário acaba se justificando tanto pela importância de mostrar esse caso em Goiânia, que segue ainda sem a sentença final, mesmo depois de quatro anos, mas também serve para expor esse caso e alertar que como Valério Luiz, alguns outros jornalistas também acabam assassinados e ameaçados por autoridades e devido a trabalhos de denúncia, muitas vezes verdadeiras e que contam casos de corrupção.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Quando foi estabelecido o tema de assassinato de jornalistas, a principal ideia era de tratar no documentário casos famosos de profissionais da imprensa que foram assassinados em decorrência de seus trabalhos, em especial Tim Lopes<sup>6</sup>, Vladimir Herzog e Santiago Andrade<sup>7</sup>. Contudo após análises, principalmente do orientador, foi estabelecido que fosse uma melhor opção tratar de um caso não muito conhecido e que fosse mais atual, como o caso do Valério Luiz.

Com essa decisão, várias foram às fontes de busca, afinal, antes das entrevistas com os familiares e a pesquisa da história de Valério Luiz foi realizado um relatório que explicava por meio de dados de entidades respeitadas no setor, as possíveis razões do crescimento de assassinato e ameaças de jornalistas. Para que o documentário tivesse um fundamento teórico concreto não só do caso do Valério Luiz, mas de tantos outros casos que acontecem da mesma maneira.

E essa parte teórica foi muito importante para mostrar dados relevantes quanto às ameaças que o jornalista sofre. A maneira que o jornalista é assassinado foi um dos fatos que mais chamaram atenção, na maioria dos casos nos últimos anos, os profissionais acabam sendo mortos quase sempre da mesma maneira: são surpreendidos na porta de onde trabalham, no restaurante ou bar que frequentam, ou mesma na porta de suas casas, por homens em uma moto que disparam tiros que acabam levando a morte do jornalista. É interessante notar que o mandante do crime não é o atirador, na maioria das vezes, o que acontece são autoridades que encomendam o assassinato a matadores de aluguel, para não se exporem, ou levantarem qualquer suspeita.

---

<sup>6</sup> Tim Lopes (1950-2002) foi um jornalista da rede Globo de televisão capturado, torturado e morto na região da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro. O assassinato ocorreu por conta das reportagens de denúncia de tráfico de drogas e sexo em bailes funk deste mesmo local. Um dos principais assassinos de Tim Lopes foi Elias Pereira Silva, que foi detido.

<sup>7</sup> Santiago Andrade (1964-2014) cinegrafista da TV Bandeirantes morreu após ser atingido por um rojão, atirado por manifestantes, na cabeça durante as manifestações em 2014 no Rio de Janeiro, que protestavam o preço da passagem do transporte público.

No que diz respeito ao videodocumentário, a técnica utilizada para a construção do foi, principalmente, a classificação que Nichols (2005) dá de documentário expositivo que, segundo o autor, é o documentário que através de fragmentos conta uma história “ O documentário expositivo facilita a generalização e a argumentação abrangente” (NICHOLS, 2005, p.144). O que justamente faz esse vídeo documentário, através dos depoimentos de familiares e amigos de Valério, além das notícias, a história é construída de uma forma dinâmica, o que faz com que o espectador possa entender a maneira que este jornalista foi assassinado.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de criação do documentário “Por uma palavra...” aconteceu mesmo antes de ele começar a ser filmado. A pesquisa sobre o tema e sobre qual seria o principal personagem que realmente pudesse sinalizar um recorte de caso sobre o assassinato de jornalistas, demandou tempo e cautela. Primeiramente foram elencados três principais casos que poderiam ter a história contada no documentário. Esses casos foram indicados pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) como os principais daquele momento que poderiam ser escolhidos.

Os casos indicados pela ABRAJI foram do jornalista Pedro Palma<sup>8</sup>, assassinado em Miguel Pereira (RJ) no ano de 2014, o caso do jornalista Rodrigo Neto<sup>9</sup>, assassinado em 2013 no Vale do Aço (MG) ou o caso do jornalista Valério Luiz, assassinado em 2012 na cidade de Goiânia (GO). Com a indicação desses três casos pela ABRAJI, eles foram analisados e o caso do Valério Luiz acabou sendo o escolhido para o documentário, principalmente pela disponibilidade do filho do Valério Luiz em contar a história de seu pai, em receber e aceitar as filmagens em Goiânia e também pelo fator de segurança, embora o caso do Valério não tenha sido concluído, há investigações em andamento o que minimizava os possíveis perigos durante as gravações.

---

<sup>8</sup> Pedro Palma (1967-2014) foi dono do jornal Panorama Regional, que circulava principalmente no município de Miguel Pereira (RJ). Pedro foi morto a tiros por dois suspeitos em uma moto na porta de sua casa, o caso segue sem solução, mas a maior suspeita é de que a morte do jornalista esteja ligada a reportagens que ele realizava sobre corrupção.

<sup>9</sup> O jornalista de Vale do Aço (MG) Rodrigo Neto foi assassinado em março de 2013 por três tiros por homens em uma moto, após sair de um bar. Neto denunciava crimes, principalmente envolvendo corrupção policial. Pouco mais de um mês depois do crime, o repórter cinematográfico, que trabalhava com Rodrigo, Walgney, também foi assassinado como suposta queima de arquivo. Os assassinos da morte de Rodrigo Neto já estão presos.

O processo de entrevistas começou antes mesmo da viagem ao estado de Goiás. Para compor a parte teórica do trabalho de conclusão de curso foram entrevistados representantes de entidades, que puderam traçar um perfil dos casos de assassinatos de jornalistas no Brasil, nomes como do secretário executivo da ABRAJI, Guilherme Alpendre e do diretor do Instituto Vladimir Herzog, Ivo Herzog. Essas entrevistas colaboraram bastante para o relatório e para um maior entendimento dos casos de agressão.

Em seguida o processo de filmagem em Goiânia aconteceu basicamente durante dois dias intensos de trabalho na cidade. A viagem aconteceu somente com uma entrevista agendada, a de Valério Luiz Filho, que se encarregou de apresentar os amigos e familiares durante a estadia na cidade, o que de fato aconteceu e valorizou bastante o material gravado.

Um caso interessante foi da entrevista com a delegada Adriana Ribeiro, ela foi a delegada que acolheu primeiramente o caso do assassinato do Valério Luiz e tomou as primeiras providências na investigação. Embora não fosse impossível, para entrevistar a doutora era necessário confiança e muita transparência, o que foi conquistado graças a indicação de Valério Luiz Filho. Foi gratificante o fato de que a doutora se sentiu à vontade para falar sobre o caso e disse estar fazendo quase um desabafo de tudo que viu e sentiu sobre aquele caso.

Com o material gravado e as imagens cedidas da TV PUC Goiás, local onde Valério Luiz trabalhou e realizou grande parte das suas denúncias, iniciou-se o processo de análise do material coletado e de montagem de roteiro, foram alguns roteiros, até que se chegasse ao resultado final, capaz de contar realmente a história por meio de fragmentos. A edição final também contou com algumas versões, mas acabou chegando a versão final com o auxílio e supervisão da profissional de rádio e TV Camila Cavalcante.

Por fim, a escolha do nome do documentário é justamente uma alusão a maioria dos casos de jornalistas no Brasil e no mundo, na maioria das vezes eles são assassinados diante de denúncias que fazem, de palavras capazes de desvendar corrupções. Sendo assim, a tradição frase “por um fio” acaba sendo inspiração para o título “Por uma palavra...” afinal, foi por uma palavra de denúncia das possíveis corrupções de um time goiano, que Valério perdeu sua vida.

## **6. CONSIDERAÇÕES**

Ao longo da produção deste documentário e do relatório de pesquisa foi possível identificar uma realidade nem sempre tratada pela mídia e discutida pela população, a de



ameaças e agressões de jornalistas. Profissionais da imprensa, que cumprem o seu ofício de informar e de investigar corrupções e acabam perdendo muitas vezes suas vidas e são vítimas de censura da maneira cruel existente.

O caso Valério Luiz sinaliza bem essa realidade. Valério, um profissional experiente do jornalismo esportivo vê casos que julga serem de corrupção no clube local, denuncia a má administração e é misteriosamente assassinado na porta da rádio onde trabalhava em Goiânia. O principal suspeito do crime, como acontece na maioria dos casos, é o presidente do mesmo clube. Ou seja, o caso Valério Luiz acontece, como acontecem a maioria dos assassinatos de jornalistas do Brasil, com a exceção de acontecer no ramo de editoria esportiva, o que mostra também que além da editoria política ou policial, a editoria esportiva pode também fazer denúncias, e acabar com o jornalista ameaçado.

Sendo assim, o objetivo desse documentário é mais do que trazer somente uma história, em meio tantos homicídios que acontecem diariamente no Brasil. Este documentário traz consigo uma visão do quanto a informação e a investigação da mídia podem estar ameaçados diante do poder de autoridades locais, que ainda seguem o modelo do coronelismo em muitas regiões.

Este vídeo vem também para mostrar o quanto a profissão do jornalista pode estar ameaçada e o quanto o trabalho que ele realiza também pode estar ameaçado. Observando casos de agressão e violência poucos, muitos poucos jornalistas, principalmente de mídia local em cidades menores, poderão ter a coragem e o incentivo para praticarem investigação em casos de corrupção de entidades, de política e até mesmo policial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BIOGRAFIA de um jornalista.** Instituto Vladimir Herzog. Disponível em <<http://vladimirherzog.org/biografia/>>. Acesso em: 4 de abril de 2016.

COMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS, **38 journalists killed in Brazil since 1992/ Motive Confirmed.** Disponível em: < <https://www.cpj.org/killed/americas/brazil/> >. Acesso em: 02 de abril de 2016.

CINEGRAFISTA é o 1º repórter morto em protestos no país; 117 foram agredidos. ABRAJI, 10 fev. 2014

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil.** Brasília, 2016. Disponível em: <



[http://www.fenaj.org.br/federacao/violencia/relatorio\\_fenaj\\_2015.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/violencia/relatorio_fenaj_2015.pdf)> . Acesso em: 1 de abril de 2016.

**MAIS DE 2 mil jornalistas morreram de forma violenta no mundo desde 1990.** Portal G1, 3 set. 2016. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/mais-de-2-mil-jornalistas-morreram-de-forma-violenta-no-mundo-desde-1990.html> >. Acesso em: 1 de abril de 2016.

MAZZI, Carolina. **Cinegrafista é o 1º repórter morto em protestos no país; 117 foram agredidos.** ABRAJI, 10 fev. 2014. Disponível em: < [http://www.abraji.org.br/?id=90&id\\_noticia=2732](http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2732) >. Acesso em: 4 de abril de 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Tradução de Mônica Saddy Martins. São Paulo: Papyrus Editora, 2005.

**SEIS casos de jornalistas mortos pelo exercício da profissão.** Terra. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/jornalistas-mortos/>> . Acesso em: 4 de abril de 2016.